

Avaliação do capital social no ambiente universitário: uma experiência no Extremo-Oeste catarinense

Alyne Sehnem*
Janaina Macke**

Resumo

O conceito de capital social relacionado com o desenvolvimento econômico de regiões e países começou a ganhar importância na década de 1990. Apesar disso, sua mensuração ainda enfrenta algumas dificuldades por necessitar de uma combinação de medidas estatísticas para encontrar resultados fidedignos com a realidade da comunidade analisada. Este estudo teve como objetivo avaliar o nível de capital social em estudantes universitários de uma Instituição de Ensino Superior, com os cursos superiores de Administração e Agronomia em três municípios do Extremo-Oeste catarinense: Maravilha, São José do Cedro e São Miguel do Oeste. Foi utilizada como base a pesquisa bibliográfica fundamentada nos estudos de Macke (2006), Sarate e Macke (2007), no modelo desenvolvido por Onyx e Bullen (2000) e no método descritivo. Foram utilizadas as ferramentas estatísticas de análise descritiva, fatorial, de regressão e de variância, com o auxílio do *software Statistical Package for the Social Science* (SPSS). A análise das descobertas da pesquisa considerou os aspectos socioculturais da região em estudo e procurou, assim, construir relações alinhadas às especificidades e às forças endógenas do local.

Palavras-chave: Capital social. Comunidade. *Survey*. Desenvolvimento local.

* Mestre em Administração pela Universidade de Caxias do Sul; professora e coordenadora do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Comercial da Faculdade de Tecnologia Senac São Miguel do Oeste; alyne_smo@yahoo.com.br

** Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; professora e pesquisadora do programa de Pós-graduação em Administração da Universidade de Caxias do Sul.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de capital social relacionado com o desenvolvimento econômico de regiões e países começou a ganhar importância na década de 1990, com a obra de Robert D. Putnam *Making Democracy Work: civic traditions in modern Italy*. Nessa obra, Putnam conceituou o capital social como característica da organização social, citando como exemplo a confiança, normas e redes, que podem melhorar a eficiência da sociedade, facilitando ações coordenadas.

No trabalho realizado pelo autor durante duas décadas, constatou-se que a acumulação de capital social definiu o desenvolvimento da região Norte da Itália. Por outro lado, a sua carência determinou o atraso econômico observado na região Sul (PUTNAM, 2002).

No decorrer dos anos, os estudos a respeito do tema capital social foram abordados por diferentes áreas de conhecimento, como a Sociologia, as Ciências políticas, a Administração e a Economia. Essas áreas buscavam compreender as suas relações com o empreendedorismo, a economia social e os estudos regionais. Para Milani (2003), as redes de compromisso cívico, as normas de confiança mútua e a riqueza do tecido associativo, são consideradas fatores fundamentais do desenvolvimento local, tanto urbano quanto rural.

A difusão do conceito de capital social no meio acadêmico ocorreu devido à valorização das relações e estruturas sociais no discurso político e na ótica econômica, em introduzir uma dimensão normativa em sua análise; o reconhecimento dos recursos embutidos em estruturas e redes sociais não contabilizados por outras formas de capital; o ambiente político-econômico emergente que levou a um reposicionamento dos papéis do Estado e da sociedade; a compreensão e utilização transversal do termo capital social por diferentes disciplinas e o potencial de alavancagem política do conceito (ALBAGLI; MACIEL, 2002).

Desde o princípio, o uso do conceito foi utilizado para elucidar uma gama de fenômenos sociais, no entanto, com o passar dos anos, os pesquisadores concentraram sua atenção não somente no papel do capital social como influenciador do desenvolvimento do capital humano (COLEMAN, 1988), mas também sobre a sua influência no desenvolvimento das regiões geográficas (PUTNAM; LEONARDI; NANETTI, 2002) e também no desenvolvimento das nações (FUKUYAMA, 2000).

Essa pesquisa teve como intuito mensurar o capital social em estudantes universitários de uma Instituição de Ensino Superior com os cursos superiores de Administração e Agronomia em três municípios do Extremo-Oeste catarinense: Maravilha, São José do Cedro e São Miguel do Oeste.

2 CONCEITOS E DIMENSÕES DO CAPITAL SOCIAL

Bourdieu (1986) desenvolveu o conceito de capital social como parte de um projeto mais amplo para a compreensão de como as relações de diferença, o poder e a dominação são criados e sustentados, e também como os atores sociais operavam nesses conjuntos de relacionamentos. O autor destaca a possibilidade de apresentação do capital social em três formas fundamentais: o capital econômico, conceituado pela sua conversão em dinheiro; capital cultural, também pode ser convertido em capital econômico e institucionalizado em habilitações literárias; e o capital social, composto das obrigações sociais.

Considerado como um fenômeno coletivo, o capital social agrega os recursos reais e potenciais ligados a uma rede durável de relações (BOURDIEU, 1986; SIISIÄINEN, 2000). De acordo com Nahapiet e Ghoshal (1998), o capital social pode ser definido como a acumulação dos recursos reais e potenciais incorporados, disponíveis e derivados da rede de relacionamentos possuída por um indivíduo ou unidade social. Nesse contexto, a unidade social pode ser entendida como uma equipe, grupo ou mesmo uma organização (LEE; SUKOCO, 2007). O capital social de um indivíduo depende do tamanho da rede que ele é capaz de mobilizar e também do capital econômico, cultural e simbólico possuído pelos membros da rede a que ele está conectado. Por capital simbólico entende-se qualquer forma de capital que pode ser representada ou apreendida em uma relação de conhecimento (BOURDIEU, 1986). Para o autor, um fator essencial ao desenvolvimento do capital social é o tempo, uma vez que constitui uma forma de história e é fruto de um processo contínuo e estável.

O termo capital social faz parte das pesquisas desde o início do século XIX. No entanto, somente a partir da década de 1990 o tema passou a receber maior destaque. Nessa época, o Banco Mundial começou a utilizar o conceito de capital social vinculado às questões relacionadas à pobreza, bem como a sua utilização no processo de avaliação dos projetos a ele submetidos. Para o Banco Mundial (2009), o capital social e a cultura são as “chaves para o desenvolvimento”, logo seus projetos devem considerar os valores sociais do meio no qual será efetivado.

Dessa forma, o Banco Mundial (2009) passou a considerar quatro formas de capital: capital natural, recursos naturais dos quais é dotado um país; capital financeiro, aquele produzido pela sociedade e que se expressa em infraestrutura, bens de capital, capital financeiro, imobiliário, entre outros; capital humano, definido pelos graus de saúde, educação e nutrição de um povo; e, capital social, capacidade de uma sociedade de estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos. Para essa instituição, o capital social não é considerado apenas a soma das instituições que sustentam uma sociedade, mas representa a cola que as mantém juntas a fim de prosperarem economicamente e para que o seu desenvolvimento seja sustentável.

Com a finalidade de transpor a teoria do capital social para uma construção prática, o Banco Mundial (2009) desenvolveu o *Social Capital Implementation Framework* (SCIF). Criado com base em resultados de duas revisões de projetos de turismo interno e externo baseado nos componentes do capital social, o principal objetivo do SCIF é fornecer orientações de como o capital social pode ser incorporado às operações.

No meio acadêmico, o conceito de capital social ganhou notoriedade na década de 1990, com o lançamento do livro de Robert Putnam, Robert Leonardi e Raffaella Y. Nanetti *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Nessa obra é retratada a pesquisa realizada durante duas décadas, a fim de analisar o desenvolvimento das regiões italianas a partir da implantação do processo de descentralização administrativa naquele país. O intuito dos autores era avaliar o impacto da descentralização na diminuição das desigualdades regionais na Itália. Ao final das duas décadas, os autores constataram ser o Norte a região mais desenvolvida em relação ao Sul, fato atribuído ao maior estoque de capital social daquela região.

Com isso, Putnam, Leonardi e Nanetti (2002) consideram o capital social como um facilitador da cooperação espontânea, afirmando que esse conceito “[...] diz respeito a características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas.” (PUTNAM, 2002, p. 177). Para Lin et al. (2009), o capital social é definido como os novos contatos que um usuário pode ter por meio de seus contatos diretos. Essa visualização é privada e personalizada para cada usuário. Capital social também pode ser definido como os recursos embutidos nas redes sociais das pessoas, recursos que podem ser acessados ou mobilizados pelos laços das redes.

Em relação ao conceito de capital social, os autores destacam algumas peculiaridades que precisam ser observadas, como: a não existência de um consenso quanto ao conceito (BOURDIEU, 1996, 2000; NAHAPIET; GHOSHAL, 1998; PUTNAM; LEONARDI; NANETTI, 2002); a relevância do contexto na definição das variáveis e fatores do capital social (BEBBINGTON, 2007; BOURDIEU, 1986; FOLEY; EDWARDS, 1999; MOLYNEUX, 2002); a particularidade da categoria do capital social, o que representa uma questão bastante controversa entre os pesquisadores do tema (MEDA, 2002; BURT, 1992; NAHAPIET; GHOSHAL, 1998; LEE; SUKOCO, 2007); o capital social como propriedade de uma sociedade, uma comunidade ou um recurso operacionalizado por indivíduos a fim de atingir determinados objetivos (BURT, 1992; ALDRICH; ZIMMER, 1986; BIRLEY, 1985; UZZI, 1996; WALKER; KOGUT; SHAN, 1997; ADLER; KWON, 2002; BURT, 1992; NAHAPIET; GHOSHAL, 1998; TSAI; GHOSHAL, 1998; CAROLIS; SAPARITO, 2006). A necessidade de conexão exclusiva do capital social com um efeito positivo (NATIONAL STATISTICS, 2001; PUTNAM, 2000).

Para a Organization for Economics Cooperation and Development (OECD) (2009), o capital social é definido como as redes e as normas, valores e

crenças que facilitam a cooperação dentro e entre os grupos. Ele se tornou um fator central a ser considerado na análise da sociedade do conhecimento, nos estudos do desenvolvimento humano, individual e coletivo. Esse capital abrange diversos aspectos das redes sociais, normas e relações, a fim de criar sinergias e construir parcerias. A exemplo do Banco Mundial, a OECD também considera o capital social como a cola que une as comunidades, organizações, empresas e diversos grupos sociais e étnicos.

Saguaro (2009) define como premissa central do capital social o valor que as redes sociais possuem. O capital social se refere ao valor coletivo de todas as redes sociais (que as pessoas conhecem) e as tendências que surgem a partir dessas redes (normas de reciprocidade). O termo capital social enfatiza uma variedade de benefícios bastante específicos decorrentes da confiança, reciprocidade, informação e cooperação, ligados às redes sociais.

Nahapiet e Ghoshal (1998) consideram o capital social como uma capacidade organizacional que facilita a criação e a partilha de conhecimentos. Os autores integraram as diferentes facetas exploradas sobre capital social a fim de defini-las em três dimensões distintas e procurar os modos como cada uma dessas dimensões facilita a combinação e troca de conhecimentos. Essas dimensões, apesar de classificadas separadamente, devem ser compreendidas como elementos altamente relacionados. As dimensões do capital social são: estrutural (representada pela estrutura de rede), relacional (representada principalmente pela confiança) e cognitiva (representada pela visão compartilhada entre as unidades) (LI; BARNER-RASMUSSEN; BJÖRKMAN, 2007). As dimensões do capital social e seus principais elementos podem ser visualizados no Quadro 1.

Dimensões do Capital Social		
Cognitiva	Estrutural	Relacional
Valores Narrativas compartilhadas Cultura Códigos	Redes de relacionamento Estabilidade Densidade Configuração Conectividade	Confiança Normas de reciprocidade Participação Obrigações Tolerância à diversidade

Quadro 1: Três dimensões do capital social
Fonte: adaptado de Nahapiet e Ghoshal (1997).

3 TIPOS DE CAPITAL SOCIAL

Onyx e Bullen (2000) realizaram um estudo que buscava contrastar as características de capital social em cinco áreas urbanas e rurais da Austrália. Verificaram que as áreas rurais se destacavam por possuir maiores níveis de

participação e apoio mútuo, variando consideravelmente o componente tolerância à diversidade do capital social entre as áreas rurais e centros urbanos (CURRIE; STANLEY, 2008).

Com isso, foram identificados diferentes tipos de capital social: união (*bonding social capital*), ponte (*bridging social capital*) e ligação (*linking social capital*) (PASSEY; LYONS, 2006). Os tipos de capital social refletem os diferentes papéis que as redes podem desempenhar na formação do desenvolvimento econômico de uma sociedade (SABATINI, 2008). Essas definições exploram perspectivas positivas e negativas associadas aos tipos de capital social. O capital social pode ser positivo quando os membros do grupo têm acesso a privilégios, recursos e apoio psicológico. Por outro lado, pode ser negativo quando se coloca aos membros dos grupos restringindo sua expressão individual e sua liberdade (CURRIE; STANLEY, 2008).

Bonding Social Capital diz respeito às redes fechadas, como a família, e em alguns casos, o trabalho. Esse tipo de capital social provém de relações mais estreitas e laços mais densos, o que, dependendo da sua utilização, pode levar a práticas de exclusão por motivos raciais, religiosos e grupos culturais.

Bridging Social Capital é um recurso espalhado entre as redes e que permite o acesso de pessoas de várias redes, representando, portanto, recursos e oportunidades. Esse tipo de capital social é percebido entre os grupos que são diferentes, em termos de idade, posição social, etnia ou outras funcionalidades. Como o *bridging social capital* é caracterizado por ser formado por grupos mais heterogêneos e suas conexões serem mais suscetíveis devido à sua fragilidade, é um tipo próprio para a promoção da inclusão social, em contrapartida ao *bonding social capital*, que pode aumentar a exclusão social.

Linking Social Capital surge como um meio para a obtenção de recursos, e, para tanto, é próprio a indivíduos e grupos que têm como características a autonomia e o poder.

4 MENSURAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL

A mensuração do capital social é um tema discutido por alguns autores. Observa-se que para o trabalho de mensuração, ao longo dos últimos 20 anos, diversos instrumentos e indicadores foram desenvolvidos. No entanto, muitos desses instrumentos não foram desenvolvidos especificamente para a verificação desse tipo de capital (GAAG; SNIJDERS, 2003).

Putnam, coordenador do Saguaro Seminar on Civic Engagement in America (2009) da Universidade Harvard Kennedy School of Government, acredita que a mensuração do capital social é importante por três motivos:

- a) A mensuração torna o conceito de capital social mais tangível;
- b) Ele aumenta o investimento em capital social: é possível à sociedade visualizar os resultados e a construção de mais capital social;
- c) A mensuração ajuda as organizações a construir mais capital social. Tudo o que envolve a interação humana pode ser utilizado para criar capital social.

O capital social engloba fatores qualitativos que remetem as pesquisas a uma série de indicadores. Assim, a mensuração do capital social pode enfrentar algumas dificuldades e necessitar de uma combinação de medidas estatísticas para encontrar resultados fidedignos com a realidade da comunidade analisada.

Putnam (2002) utiliza dois tipos de medidas estatísticas para a mensuração do capital social: o primeiro engloba as informações sobre grupos e seus membros, clubes esportivos, partidos políticos, hábito de leitura de jornais e detalhamento das atividades desenvolvidas pelas pessoas no período em que estão acordadas. O segundo tipo diz respeito a pesquisas que fazem uma série de perguntas acerca de valores e comportamentos, como a *General Social Survey* e a *World Values Survey*.

Para Fukuyama (2000), a mensuração do capital social deve considerar três fatores. O primeiro destaca o capital social como uma dimensão qualitativa que precisa considerar a natureza coletiva da qual um grupo é capaz. Nesse sentido, é fundamental pensar a sua dificuldade inerente, o valor da produção do grupo e a sua capacidade de empreender tal produção em condições adversas.

O segundo fator se refere às externalidades positivas da participação em um grupo, ou “raio positivo de confiança”. Por externalidade entende-se o benefício ou custo de determinada atividade que recai sobre uma parte externa a essa atividade. Como exemplo de externalidade, pode-se citar o cuidado com o jardim e a manutenção da boa aparência da sua residência, que beneficia também seus vizinhos. Outro exemplo é a poluição, um custo pago por pessoas que não foram responsáveis pela sua criação. Assim, o capital social em alguns grupos geram laços de confiança (capital social) entre pessoas que não pertencem a esse grupo.

O terceiro fator são as externalidades negativas. Grupos que têm problemas em cooperar entre si, revelando-se pela promoção da intolerância, ódio e ainda violência em relação a não membros. Os laços que unem esses grupos os tornam menos adaptáveis pelo fato de isolá-los das influências do ambiente que os cercam.

Uma abordagem alternativa para a medição do capital social é a observação da sua ausência. Essas informações podem ser obtidas por meio de medidas tradicionais de deficiências sociais, como os índices de criminalidade, famílias desfeitas, uso de drogas, índices de litígios, suicídios e evasão fiscal. O capital social se caracteriza pelas normas cooperativas, assim, a falta deste é refletida pelo afastamento dos padrões sociais (FUKUYAMA, 2000).

A base para a realização desta pesquisa foram os trabalhos de Onyx e Bullen (2000), que realizaram um trabalho baseado no conceito de capital social de Coleman (1988) e Putnam (2002). A pesquisa foi realizada em cinco comunidades Australianas (duas comunidades rurais, duas áreas metropolitanas e uma área dentro da cidade de Sydney). O intuito dos pesquisadores foi identificar os elementos relacionados ao capital social com destaque às suas dimensões vinculadas à mensuração de elementos, como reciprocidade, confiança, normas sociais, participação em redes, comunidades e agências sociais.

O trabalho de Onyx e Bullen foi utilizado como referência para a realização do estudo sobre capital social desenvolvido com os universitários. Nesse sentido, o estudo focalizou a identificação de elementos empiricamente relacionados ao capital social, à relação do construto com gênero e demografia e à descrição da distribuição do capital social nas comunidades.

As autoras destacaram alguns itens a fim de mensurar o potencial dos elementos do capital social (participação em redes, reciprocidade, confiança, normas sociais, costumes e redes sociais). Para tanto, elaboraram um questionário contendo 68 itens, aplicados a 1.200 pessoas nas cinco comunidades Australianas (CURRIE; STANLEY, 2008).

Ao final do trabalho, Onyx e Bullen (2000) identificaram oito elementos considerados como os que melhor definem o capital social: participação na comunidade local; propensão ao ativismo social; sentimentos de confiança e segurança; conexões na vizinhança; conexões com a família e amigos; tolerância da diversidade; valor do trabalho; e conexões no trabalho.

Considerado um recurso socioestrutural, o capital social está inerente nas relações entre as pessoas. Por ser um bem intangível e ter características subjetivas a cada indivíduo, esse capital não pode ser facilmente trocado, ou seja, as amizades e as obrigações próprias de cada rede não são passíveis de transferência entre indivíduos. Devido à sua complexidade, a compreensão do conceito de capital social é importante para o entendimento da dinâmica institucional, da inovação e do valor agregado.

5 MÉTODO

De natureza descritiva, o estudo teve como objetivo avaliar o nível de capital social em estudantes universitários de uma Instituição de Ensino Superior, com os cursos de Administração e Agronomia em três municípios do Extremo-Oeste catarinense: Maravilha, São José do Cedro e São Miguel do Oeste. Esses municípios possuem 72.503 habitantes (IBGE, 2010) e possuem uma economia baseada na agricultura e na indústria.

A instituição escolhida para o desenvolvimento do estudo foi a Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc). Nascida de um sonho quase impossível no final da década de 1960, seu objetivo era levar o ensino superior para o interior do estado de Santa Catarina. Atualmente, a Unoesc é uma das maiores organizações propulsoras do desenvolvimento do Meio-Oeste e Oeste catarinense. A instituição abrange uma área geográfica que vai do Planalto Central catarinense até a fronteira com a Argentina, atingindo o Sudoeste do Paraná e o Noroeste do Rio Grande do Sul. Seus cursos de graduação e pós-graduação são voltados ao desenvolvimento humano, social, cultural, científico e tecnológico, a uma população de mais de um milhão de pessoas. Foi constituída pela unificação de quatro fundações isoladas de ensino superior. A Unoesc tem seus *Campi* nas cidades de Joaçaba (sede administrativa), Videira, Xanxerê e São Miguel do Oeste.

O *Campus* de São Miguel do Oeste, que iniciou suas atividades no ano de 1986 com o Curso de Administração, possui cinco *Campi* Aproximados, localizados nos municípios de Mondaí, Pinhalzinho, Cunha Porã, Maravilha e São José do Cedro. Atualmente, a Instituição possui, aproximadamente, 4.300 alunos matriculados nos cursos de graduação e 700 nos de pós-graduação.

A amostra é não probabilística e foi escolhida por conveniência, utilizando-se os alunos matriculados no Curso de Administração dos municípios de Maravilha e São Miguel do Oeste, e do Curso de Agronomia do município de São José do Cedro. Dos 435 alunos matriculados no segundo semestre de 2009, 268 responderam ao questionário.

Com base na pesquisa bibliográfica fundamentada nos estudos de Macke (2006), Sarate e Macke (2007), e tendo como base o modelo desenvolvido por Onyx e Bullen (2000) para o seu estudo na Austrália, foi elaborado o instrumento utilizado na coleta de dados desta pesquisa. Esse instrumento, que consiste em um questionário, é composto por duas partes: a primeira é formada por questões que visam à obtenção de informações gerais sobre o respondente; e a segunda é constituída das 38 perguntas respondidas pelos pesquisados de acordo com o nível de concordância ou discordância. Para essa avaliação, foi utilizada a escala *Likert*, com quatro pontos para avaliação das relações dos respondentes no âmbito da sua comunidade.

A análise dos dados obtidos por meio da pesquisa foi realizada utilizando-se as seguintes técnicas: análise fatorial, análise de regressão linear e análise de variância. Os resultados foram analisados por meio do cruzamento dos dados utilizando o *software Statistical Package for the Social Science* (SPSS). A análise fatorial utilizada na pesquisa tem como objetivo reduzir os dados e sumariá-los. A análise de regressão linear identifica o peso que cada dimensão possui para determinar a percepção dos pesquisados, de maneira geral; e a análise de variância verifica a existência de diferenças nas respostas de acordo com grupos de respondentes.

6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados está dividida em análise descritiva, fatorial, de variância e regressão linear.

6.1 ANÁLISE DESCRITIVA

As 268 respostas submetidas à análise descritiva resultaram em médias que oscilaram entre 1,52 e 3,61, com desvio padrão de 0,623 a 1,113. Destacam-se algumas características observadas na pesquisa:

- a) 57,1% residem no mesmo bairro há mais de 10 anos;
- b) 95,1% têm idade entre 20 e 30 anos;
- c) 77,2% são solteiros;
- d) 57,5% são do gênero masculino;
- e) 79,9% exercem atividade remunerada;
- f) 19% participam de algum tipo de atividade política.

As variáveis com menores médias são aquelas relacionadas à participação em grupos e associações (“participa de algum grupo”, “é membro ativo de associação”).

Por outro lado, as variáveis com maiores médias se referem ao relacionamento com as pessoas e no ambiente de trabalho (“conversa com muitas pessoas diariamente”, “sente-se parte de uma equipe de trabalho” e “toma a iniciativa no trabalho”).

6.2 ANÁLISE FATORIAL

Por análise fatorial entende-se como a técnica utilizada para “[...] sintetizar as informações de um grande número de variáveis em um número bem menor de variáveis e fatores.” (HAIR JÚNIOR; ANDERSON; TATHAM, 2007, p. 321). A primeira solução da análise fatorial resultou em 11 fatores. Após eliminadas as variáveis com baixas comunalidades, foi encontrada uma solução final com oito fatores. As respostas da amostra dos acadêmicos da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) foram submetidas à análise fatorial do tipo Principal Component Analysis (PCA), com rotação *varimax* e tratamento *pairwise*. Para

Hair Júnior, Aderson e Tatham (2007) e Pestana e Gageiro (2000), a Medida de Adequacidade da Amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) deve ser igual ou superior a 0,80. Dessa forma, o índice encontrado pela amostra analisada está sutilmente abaixo desse número, uma vez que foi de 0,780. O total da variância é explicada com oito fatores, que representam 61,14%.

Para verificar a medida de consistência interna de escalas de múltiplos itens, utiliza-se o Alpha de Cronbach (PESTANA; GAGEIRO, 2000). Para Malhotra (2001), o Alpha considerado ideal para as pesquisas exploratórias das ciências sociais deve ser superior a 0,6. Os resultados encontrados na pesquisa estão descritos na Tabela 1.

Tabela 1: Fatores, cargas fatoriais e Alpha de Cronbach (continua)

Fator	Alpha de Cronbach	Variável	Carga	Média
1 - Participação na comunidade	0,783	É membro ativo de associação	0,842	1,74
		Participa de algum grupo	0,767	1,52
		Participa como voluntário	0,752	2,01
		Participa em eventos	0,650	2,52
2 - Vínculos de vizinhança	0,657	Solicita a vizinhos para cuidar de criança	0,736	2,69
		Visitou algum vizinho recentemente	0,724	2,42
		Sente-se entre amigos no bairro	0,531	3,11
		Ajudou algum vizinho doente	0,527	2,54
3 - Vínculos de trabalho	0,661	Colegas de trabalho são também amigos	0,768	3,43
		Sente-se parte de uma equipe de trabalho	0,724	3,54
		Sente-se parte da comunidade onde trabalha	0,497	2,87

Tabela 1: Fatores, cargas fatoriais e Alpha de Cronbach (conclusão)

Fator	Alpha de Cronbach	Variável	Carga	Média
4 - Sentimento de segurança	0,637	Bairro tem fama de ser local seguro	0,804	3,45
		Sente-se seguro à noite no bairro	0,736	3,22
		Sentimento de lar no bairro	0,632	3,11
5 - Vínculos de amizade	0,555	Costuma trocar <i>e-mails</i> com amigos	0,671	3,33
		Costuma telefonar para amigos	0,582	2,82
		Conversa com muitas pessoas diariamente	0,561	3,61
		Costuma almoçar ou jantar com amigos	0,516	3,17
6 - Proatividade social	0,596	Toma iniciativa no trabalho	0,819	3,53
		Ajuda colegas de trabalho	0,734	3,48
		Esforça-se para mediar vizinhos	0,475	2,99
		Quando necessita de informações, sabe com quem conversar	0,465	3,46
7 - Tolerância à diversidade	0,576	Gosta de viver entre pessoas com diferentes estilos de vida	0,813	3,11
		Gosta de diversidade de culturas	0,699	3,26
8 - Reciprocidade	0,503	Recolheu lixo de outros	0,800	2,44
		Ajudou em alguma emergência	0,691	2,4

Fonte: os autores.

Utilizou-se como base para a elaboração da pesquisa o trabalho desenvolvido por Sarate e Macke (2007), que por sua vez foi baseado no estudo realizado

por Onyx e Bullen (2000). Para Sarate e Macke (2007, p. 5), os fatores encontrados explicam 49,3% da variância total, resultado considerado bom pelos autores:

- a) Participação na comunidade local – refere-se à participação em estruturas formais e possui um forte senso comum;
- b) Proatividade no contexto social (agência social) – refere-se a um senso de eficácia pessoal e coletiva ou à proatividade pessoal;
- c) Sentimentos de confiança e segurança;
- d) Vínculos de vizinhança – diz respeito às relações informais no contexto local;
- e) Vínculos de família e amizade;
- f) Tolerância à diversidade;
- g) Valor da vida;
- h) Vínculos com o trabalho – somente pode ser respondido por quem tem trabalho remunerado.

Alguns resultados encontrados nessas pesquisas foram semelhantes aos resultados encontrados com os acadêmicos da Unoesc.

O primeiro fator encontrado, “Participação na comunidade”, é constituído pelas variáveis que se reportam à participação e ao envolvimento dos indivíduos na comunidade em que estão inseridos. De acordo com a bibliografia estudada, esse fator é altamente explicativo do capital social no grupo analisado. No entanto, as médias das variáveis não geraram valores muito altos, o que significa que há muito a fortalecer em termos de participação na comunidade com os acadêmicos da Instituição pesquisada.

Os “Vínculos de vizinhança”, segundo fator, representam o capital social de conexão, ou seja, as relações entre os vizinhos. As variáveis encontradas nesse fator refletem as relações de ajuda mútua no ambiente familiar, assim como com as pessoas mais próximas, residentes na mesma rua ou bairro.

O terceiro fator diz respeito aos “Vínculos de trabalho”. As variáveis encontradas para esse fator destacam a sutil delimitação entre a vida profissional e pessoal. Percebe-se que o ambiente de trabalho passa a ter uma representatividade maior no cotidiano dos indivíduos participantes da pesquisa quando afirmam que “os colegas de trabalho são também amigos” e “sente-se parte da comunidade onde trabalha.” (informação verbal).

O quarto fator reflete o “Sentimento de segurança”. Esse fator se refere à dimensão relacional do capital social, que tem como principal elemento a confiança. É possível perceber esse elemento nas variáveis que destacam o “sentir-se seguro” no local em que residem.

A confiança pode ser conceituada como um sentimento de expectativa positiva e a crença de que um indivíduo vai se comportar de uma forma benéfica (ROUSSEAU et al., 1998; CAROLIS; SAPARITO, 2006). Quando ocorre a in-

serção de um indivíduo em uma rede, origina-se a confiança relacional, ou seja, a crença de que o líder da rede atuará em benefício do grupo, uma vez que esse gestor deve se preocupar com o bem-estar desse grupo. Essa confiança surge a partir de repetidas interações entre os indivíduos ao longo do tempo, baseada na contínua reciprocidade, ou seja, na noção de que “[...] eu vou fazer isso para você agora porque sei que você vai fazer alguma coisa para mim mais tarde.” (ADLER; KWON, 2002; NAHAPIET; GHOSHAL, 1998; CAROLIS; SAPARITO, 2006; ROUSSEAU et al., 1998).

O quinto fator encontrado, “Vínculos de amizade”, resultou como elemento o contato com os amigos, por meio eletrônico, telefone ou pessoalmente. Observa-se que esse vínculo que se mantém com os amigos é reflexo das necessidades impostas aos migrantes no período da colonização. Exigia-se que as pessoas se organizassem coletivamente e cultivassem o bom relacionamento com seus próximos, fatores que “[...] foram determinantes à sobrevivência dessas novas comunidades, além de fator de proteção que lhes viabilizou a existência e a reprodução social. No coletivo a população buscou sentido para a vida local.” (FONTANA, 2009, p. 17).

A “Proatividade social”, sexto fator, representa as redes de contato e se refere ao aspecto estrutural do capital social. Consiste na antecipação de situações que podem refletir em oportunidades tanto no ambiente de trabalho “toma iniciativa no trabalho”, “ajuda colegas de trabalho”, quanto na atuação do indivíduo na sua comunidade “esforça-se para mediar vizinhos” e na convicção de saber com quem conversar no caso de necessitar de alguma informação.

O sétimo fator, “Tolerância à diversidade”, representa o relacionamento que se estabelece entre os grupos. Esse fator pode ser compreendido na amostra estudada porque é representada por acadêmicos que têm em seu ambiente de estudos colegas com diferentes estilos de vida e culturas.

O último fator diz respeito à “Reciprocidade”, ou seja, elementos que denotam obrigações e expectativas, gerando um comprometimento para com o próximo em uma necessidade futura. Destaca-se que esse fator, somado à participação cívica, resulta na combinação propícia à criação e manutenção dos estoques de capital social. Por reciprocidade, Onyx e Bullen (2000) entendem como a ação ou fornecimento de serviços em benefício de outros com expectativas de que essa ação retorne em seu próprio benefício, em uma necessidade futura. Coleman (1988) entende que a reciprocidade consiste na retribuição de um favor.

De maneira geral, observa-se, em relação aos dados gerados pelo *software*, que o Alpha de Cronbach dos fatores 1 a 4 superam o número mínimo sugerido por Malhotra (2001). No entanto, esse indicador é inferior a 0,6 nos demais fatores (vínculos de amizade, proatividade social, tolerância à diversidade e reciprocidade). Esse resultado nos leva a considerar a necessidade de fortalecer esses fatores com o intuito de elevar os estoques de capital social no grupo de universitários participantes da pesquisa.

A carga fatorial, considerada significativa quando resulta em números superiores a 0,4, mostra grande variação entre a máxima e a mínima nas variáveis dos oito fatores encontrados. Outro aspecto importante a ser destacado se refere às médias geradas para as variáveis. Para os oito fatores, as médias resultaram em valores consideravelmente baixos, com especial destaque para o primeiro fator, cuja representatividade no contexto do capital social é significativa.

6.3 ANÁLISE DE VARIÂNCIA (ANOVA)

Análise de variância (Anova) é um teste realizado para avaliar as diferenças estatísticas existentes entre as médias de dois ou mais grupos (HAIR JÚNIOR; ANDERSON; TATHAM, 2007). Com essa técnica é possível verificar se há diferença entre as médias dos grupos, no entanto, não identifica onde estão essas diferenças.

Na Tabela 2 estão descritas as variações das médias dos fatores relacionadas aos grupos de respondentes, além da apresentação do grau de significância de cada Anova. Para a análise dos resultados descritos na Tabela 2 se considera que $P < 0,05$, ou seja, quando P é menor que 0,05 a diferença das médias dos respondentes é estatisticamente significativa. Quanto menor o P , mais significativa a diferença. Para Cooper e Schindler (2003), quanto maior o nível- p , menor a confiabilidade da relação entre as variáveis da amostra, e, conseqüentemente, menor a relação entre essas variáveis na população.

No caso da amostra analisada, observa-se que os valores gerados pela significância, na relação entre variável e fator, são inferiores a 0,05. Dessa forma, considera-se que os resultados encontrados na amostra são verdadeiros, ou seja, representam o que realmente ocorre na população.

Tabela 2: Relação significativa entre fatores e variáveis

(continua)

Fator	Variável	Sig.	Efeito
2 - Vínculos de vizinhança	Tempo de bairro	0,001	Quanto maior o tempo de bairro, maiores os vínculos de vizinhança
	Tempo de bairro	0,046	Quanto maior o tempo de bairro, maiores os vínculos de trabalho
3 - Vínculos de trabalho	Está trabalhando	0,022	Quem está trabalhando tem maiores vínculos de trabalho

Tabela 2: Relação significativa entre fatores e variáveis

(conclusão)

Fator	Variável	Sig.	Efeito
4 - Sentimento de segurança	Naturalidade	0,01	Quem é natural de São Miguel do Oeste tem menor sentimento de segurança
	Tempo de bairro	0,016	Quanto maior o tempo de bairro, maior o sentimento de segurança
	Gênero	0,000	Homens têm maior sentimento de segurança
	Cidade	0,000	Os moradores de São José do Cedro têm maior sentimento de segurança
5 - Vínculos de amizade	Filhos	0,037	Quem não tem filhos tem maiores vínculos de amizade
6 - Proatividade social	Está trabalhando	0,000	Quem está trabalhando tem maior proatividade social
7 - Tolerância à diversidade	Idade	0,011	As pessoas mais jovens têm maior tolerância à diversidade
	Cidade	0,031	Os moradores de Maravilha têm menor tolerância à diversidade
8 - Reciprocidade	Idade	0,026	As pessoas mais jovens têm maior reciprocidade
	Semestre	0,028	Os alunos com maior tempo de curso têm maior reciprocidade
	Política	0,018	Quem participa de atividade política tem maior reciprocidade

Fonte: os autores.

A análise dos resultados nos leva a inferir que as variáveis Estado civil e Renda não apresentaram diferenças estatisticamente significativas para os Fatores. Destaca-se também que o Fator 1 (Participação na comunidade) e o Fator geral (Capital social) não apresentaram diferenças estatisticamente significativas para nenhuma das variáveis de identificação.

O Fator 2 (Vínculos de vizinhança) enfatiza uma relação diretamente proporcional, ou seja, os vínculos de vizinhança são mais estreitos quanto maior for o tempo de residência no bairro (característica enfatizada pelo Fator 4). Da mesma forma, observa-se esse resultado no Fator 3 (Vínculos de trabalho), quando o efeito diz ser maior o vínculo de trabalho em indivíduos que estão trabalhando e que possuem maior tempo de bairro, e no Fator 6 (Proatividade social).

Verifica-se também que, da amostra, as pessoas mais jovens têm maior tolerância à diversidade (Fator 7) e à reciprocidade (Fator 8). No Fator 8 também se verifica ser maior a reciprocidade em pessoas com mais tempo de curso

e participação política. Os vínculos de amizade são maiores nos grupos que não possuem filhos (Fator 5).

6.4 ANÁLISE DA REGRESSÃO LINEAR

A análise de regressão, para Hair Júnior, Anderson e Tatham (2007) talvez seja a técnica de análise de dados mais utilizada para a mensuração de relações lineares entre duas ou mais variáveis, bem como a força dessas relações. Essa análise é caracterizada como um “[...] processo estatístico para analisar relações associativas entre uma variável dependente métrica e uma ou mais variáveis independentes.” (MALHOTRA, 2001, p. 459).

A técnica da regressão linear foi utilizada para analisar a relação das variáveis com o Fator geral “Capital social”. Observa-se que os elementos que caracterizam o capital social, como a confiança, a solidariedade, o acolhimento, a cooperação, as normas de reciprocidade, a valorização do indivíduo e as amizades, estão presentes, com médias consideráveis, na amostra analisada. Essas variáveis elevam o Alpha de Cronbach para o Fator Capital social para um nível significativo (0,759).

Tabela 3: Variáveis do fator geral

Fator geral	Alpha de Cronbach	Variável	Média
Capital social	0,759	De forma geral, há confiança	2,69
		De forma geral, há solidariedade	1,95
		De forma geral, há acolhimento	2,87
		De forma geral, há cooperação	2,71
		De forma geral, há normas de reciprocidade	2,56
		Sente-se valorizado no bairro	2,92
		Recebe ajuda de amigo quando precisa	3,28

Fonte: os autores.

Na Tabela 4 estão descritos os fatores que entraram no modelo de análise do método *stepwise*. Destaca-se que os fatores 5 e 6 ficaram fora do modelo, e que o percentual de explicação total do modelo foi de 40,2% (somente o Fator 2 explica 25,5%).

Tabela 4: Fatores que entraram no modelo

Fatores que entraram no modelo	R	R ²	R ² ajustado	Desvio-padrão	Durbin-Watson
Fator 2 (Vínculos de vizinhança)	0,505	0,255	0,252	0,4655	
Fator 2 + Fator 3 (Vínculos de trabalho)	0,576	0,332	0,327	0,4416	
Fator 2 + Fator 3 + Fator 4 (Sentimento de segurança)	0,617	0,38	0,373	0,4261	
Fator 2 + Fator 3 + Fator 4 + Fator 1 (Participação na comunidade)	0,627	0,394	0,385	0,4223	
Fator 2 + Fator 3 + Fator 4 + Fator 1 + Fator 7 (Tolerância à diversidade)	0,638	0,407	0,395	0,4186	
Fator 2 + Fator 3 + Fator 4 + Fator 1 + Fator 7 + Fator 8 (Reciprocidade)	0,645	0,416	0,402	0,4162	1,777

Fonte: os autores.

O Teste de Durbin-Watson próximo de 2 indica não haver autocorrelação entre os resíduos, ou seja, há independência entre as variáveis aleatórias residuais – covariância nula. Assim, pode-se dizer que a relação existente entre as variáveis não caracteriza o chamado efeito espúrio, ou seja, possui efeito de confirmação, é coerente. Os resultados encontrados para o Teste de Durbin-Watson confirmam a qualidade do modelo.

7 CONCLUSÃO

Como se pode analisar, as variáveis que apresentaram menores níveis de capital social foram aquelas relacionadas à participação na comunidade (menores médias) dos universitários participantes da pesquisa. Já as variáveis que obtiveram melhor desempenho, foram as relacionadas ao sentimento de segurança, explicadas pelo fato de 57,1% dos entrevistados morarem no mesmo bairro há mais de 10 anos. Fato característico da amostra é que 95,1% deles têm entre 20 e 30 anos e 77,2% são solteiros e sem filhos, o que favorece os vínculos de amizade. Esse sentimento de segurança é reforçado pelo *status* de Santa Catarina ser a unidade federativa menos violenta do Brasil e possuir o menor índice de criminalidade da região Sul (WAISELFISZ, 2010).

Outro fato importante é que 79,9% dos respondentes exercem atividade remunerada, o que fortalece os vínculos relacionados ao trabalho. Isso pode ser explicado quando analisados alguns aspectos culturais da região Oeste catarinense, pois esta foi colonizada por gaúchos de origem italiana e alemã na primeira metade do século XX, levando consigo o culto ao trabalho, que acarreta uma

sobrecarga no tempo dedicado à empresa em detrimento à parcela de tempo que sobra para participação na comunidade local.

Esses dois fatores supramencionados, sentimento de segurança e vínculos relacionados ao trabalho, juntos, explicam 32,7% da variância, o que significa que são responsáveis por um terço do nível de capital social das comunidades estudadas. No estudo também se pôde verificar uma forte presença do capital social relacional que privilegia a confiança, entendida como a crença de que a ação de determinada pessoa é adequada no nosso ponto de vista. Isso é reforçado pelo fato de uma proporção significativa dos entrevistados virem de outras cidades e não morar com a família, desenvolvendo assim uma proatividade social maior com alguma tolerância à diversidade de culturas, além do tempo que a maioria se conhece e mora no bairro.

Os fatores explicativos de capital social encontrados corroboram a teoria, diferindo ligeiramente dos resultados encontrados em outras pesquisas. A essência, no entanto, mostra-se inalterada; o que muda são alguns relacionamentos entre variáveis, os quais produzem diferentes *nuances* nos fatores encontrados.

Este estudo não pretende esgotar a discussão dos resultados encontrados, mas, utilizá-la como referencial inicial para a continuidade das pesquisas em relação ao capital social na cidade e região em estudo. A riqueza de informações e os *insights* gerados permitem o levantamento de novas questões de pesquisa.

A social capital avaluation in the University environment: an Far West catarinense experience

Abstract

The concept of social capital related to the economic development of regions and countries began to gain importance in the 1990s. Nevertheless, its measurement is still facing some difficulties, because it requires a combination of statistical measures to find reliable results with the reality of community analysis. This study aimed to evaluate the level of social capital on college students of an institution of higher education with university courses in Management and Agronomy in three districts of the Extremo-Oeste of Santa Catarina: Maravilha, São José do Cedro and São Miguel do Oeste. Was used as a basis for literature based on studies of Macke (2006), Sarate and Macke (2007), and the model developed by Onyx and Bullen (2000), and descriptive method. We used the statistical tools of descriptive analysis, factor analysis, regression analysis and analysis of variance, with the aid of SPSS (Statistical Package for Social Science). The analysis of research findings took into account the sociocultural aspects of the study area and is therefore seeking to build relationships that are aligned with the specific and the endogenous forces of the site.

Keywords: Social capital. Community. Survey. Local development.

REFERÊNCIAS

ADLER, P.; KWON, S. Social capital: Prospects for a new concept. **Academy of Management Review**, n. 27, p. 17-40, 2002.

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lúcia. **Capital social e empreendedorismo local**: proposição de políticas para a promoção de sistemas produtivos locais de micro, pequenas e médias empresas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

ALDRICH, H.; ZIMMER, C. Entrepreneurship through social networks. In: SEXTON, D.; SMILOR, R. (Ed.). **The art and science of entrepreneurship**. Cambridge: Ballinger, 1986.

BANCO MUNDIAL. Disponível em: < <http://web.worldbank.org>>. Acesso em: 30 nov. 2009.

BEBBINGTON, Anthony. Social capital and development studies II: can Bourdieu travel to policy? **Progress in Development Studies**, v. 7, n. 2, p. 155-162, 2007.

BIRLEY, S. The role of networks in the entrepreneurial process. **Journal of Business Venturing**, n. 1, p. 107-118, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. 3. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000. 311 p.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

_____. The Forms of Capital. In: RICHARDSON, J. G. (Ed.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood, 1986.

BURT, R. S. **Structural holes**: The social structure of competition. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

CAROLIS, Donna Marie de; SAPARITO, Patrick. Social Capital, Cognition, and Entrepreneurial Opportunities: A Theoretical Framework. **Entrepreneurship theory and practice**, 2006.

COLEMAN, James S. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, n. 94, p. 95-120, 1988.

COOPER, Donald R.; SCHINDLER, Pamela S. **Métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

CURRIE, Graham; STANLEY, Janet. Investigating links between social capital and public transport. **Transport Reviews**, v. 28, n. 4, p. 529-547, July 2008.

FOLEY, M.; EDWARDS, B. Is it Time to Disinvest in Social Capital? **Journal of Public Policy**, v. 19, p. 141-173, 1999.

FONTANA, Airton. **Sete de setembro**: independência ou tornado? História de resistência e luta pela vida. Joaçaba: Ed. da Unoesc, 2009.

FUKUYAMA, Francis. **A grande ruptura**: a natureza humana e a reconstituição da ordem social. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

GAAG, Martin Van Der; SNIJDERS, Tom A. B. **A comparison of measures for individual social capital**. Groningen: University of Groningen, 2003.

HAIR JÚNIOR, J. F.; ANDERSON, Rolph E.; TATHAM, William Black. **Multivariate data analysis**. 5. ed. Upper Saddle River: Prentice Hall, 2007.

IBGC. Disponível em: <<http://www.ibgc.org.br/home.aspx>>. Acesso em: 5 jan. 2010.

IBGE. Banco de dados Agregados. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 14 jan. 2010.

LEE, Les Tien-Shang; SUKOCO, Badri Munir. The Effects of Entrepreneurial Orientation and Knowledge Management Capability on Organizational Effectiveness in Taiwan: The Moderating Role of Social Capital. **International Journal of Management**, v. 24, n. 3, p. 459-572, september 2007.

LI, Li; BARNER-RASMUSSEN, Wilhelm; BJÖRKMAN, Ingmar. What Difference Does the Location Make? A Social Capital Perspective on Transfer of Knowledge from Multinational Corporation Subsidiaries Located in China and Finland. **Asia Pacific Business Review**. v. 13, n. 2, p. 233-249, april 2007.

LIN, Ching-Yung et al. **SmallBlue**: Social Network Analysis for Expertise Search and Collective Intelligence. IEEE International Conference on Data Engineering, 2009.

MACKE, J. **Programas de Responsabilidade Social Corporativa e Capital Social**: contribuição para o desenvolvimento local? 2006. 307 f. Tese (Doutorado em Administração)—Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MEDA, Dominique. Le capital social: un point de vue critique. **L'Economie Politique**, Paris, n. 14, p. 36-45, abr. 2002.

MILANI, Carlos. **Teorias do capital social e desenvolvimento local**: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil). Salvador: UFBA, 2003. Disponível em: <<http://www.adm.ufba.br/capitalsocial>>. Acesso em: 30 nov. 2009.

MOLYNEUX, M. Gender and the Silences of Social Capital: Lessons from Latin America. **Development and Change**, v. 33, p. 167-188, 2002.

NAHAPIET, Janine; GHOSHAL, Sumantra. Social capital, intellectual capital and the creation of value in firms. **Academy of Management Proceedings**, p. 35-39, 1997.

_____. Social capital, intellectual capital and the organizational advantage. **Academy of Management Review**, v. 23, n. 2, p. 242-266, 1998.

NATIONAL STATISTICS. **Social Capital**: A review of the literature. Social Analysis and Reporting Division Office for National Statistics, October 2001.

ONYX, Jenny; BULLEN, Paul. Measuring Social Capital in Five Communities. **Journal of Applied Behavioral Science**, v. 36, n. 1, p. 23-42, mar. 2000.

ORGANIZATION FOR ECONOMICS COOPERATION AND DEVELOPMENT. **Glossary of Statistical Terms**. Disponível em: <<http://stats.oecd.org/glossary/detail.asp?ID=3560>>. Acesso em: 30 nov. 2009.

PASSEY, Andrew; LYONS, Mark. Nonprofits and Social Capital measurement through organizational surveys. **Nonprofit Management & Leadership**, v. 16, n. 4, p. 481-495, summer. 2006.

PESTANA, João N.; GAGEIRO, Maria H. **Análise de Dados Para Ciências Sociais**: A complementariedade do SPSS. Lisboa: Sílabo, 2000.

PUTNAM, R. D. **Bowling Alone**: the collapse and revival of American Community. New York: Simon & Schuster, 2000.

PUTNAM, Robert D.; LEONARDI, Robert; NANETTI, Raffaella Y. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália moderna. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

ROUSSEAU, D. et al. Not so different after all: A cross-discipline view of trust. **Academy of Management Review**, v. 23, p. 393-404, 1998.

SABATINI, Fabio. Social Capital and the Quality of Economic Development. **Kyklos**, v. 61, n. 3, p. 466-499, 2008.

SAGUARO. **The report of the saguaro seminar**: Civic engagement in America. Disponível em: <http://www.bettertogether.org/bt_report.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2009.

SARATE, João Alberto Rubim; MACKE, Janaina. Fatores explicativos do capital social em uma cidade da Serra Gaúcha: a percepção dos estudantes de Administração. *ENCONTRO DA ANPAD*, 31., 2007. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2007.

SIISIÄINEN, Martti. **Two Concepts of Social Capital: Bourdieu vs. Putnam**. Paper presented at ISTR Fourth International Conference "The Third Sector: For What and for Whom?" Dublin, Ireland: Trinity College, 2000.

TSAI, W.; GHOSHAL, S. Social capital and value creation: The role of intrafirm networks. *Academy of Management Journal*, v. 41, p. 464-478, 1998.

UZZI, B. D. The sources and consequences of embeddedness for economic performance of organizations. *American Sociological Review*, v. 61, p. 674-698, 1996.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência no Brasil**. Instituto Sangari, 2010.

WALKER, G.; KOGUT, B.; SHAN, W. Social capital, structural holes and the formation of an industry network. *Organization Science*, v. 8, p. 109-126, 1997.

Recebido em 20 de fevereiro de 2011
Aceito em 4 de maio de 2011